

RAUL BRANDÃO E VITORINO NEMÉSIO: AFINIDADES ESPIRITUAIS E ESTÉTICAS

«Este livro é feito com notas de viagem, quase sem retoques. Apenas ampliei um ou outro quadro, procurando sempre não tirar a frescura às primeiras impressões. [...] Não poder eu pintar com palavras alguns dos sítios mais pitorescos das ilhas, despertando nos leitores o desejo de os verem com os seus próprios olhos!...»

Raul Brandão, in *As Ilhas Desconhecidas*

Estas palavras de Raul Brandão, que podemos ler na nota «Em três Linhas» que antecede *As Ilhas Desconhecidas*, livro publicado em 1926, sintetizam uma arte impressionista que atinge a sublimidade em *Os Pescadores* e uma intensidade inigualável neste livro magnífico, que tem como subtítulo *Notas e Paisagens*. A especificidade destes dois livros no contexto da vasta obra brandoniana tem sido muitas vezes sublinhada pela crítica, designadamente por Guilherme de Castilho, que os vê como um «incomparável díptico de prosa impressionista» e lhes consagra um notável capítulo no estudo crítico-biográfico dedicado ao autor de *Húmus*, denominado «A Paisagem e a Luz»¹. Título que é retirado de uma «Carta» enviada pelo escritor a Albino Forjaz de Sampaio, pouco tempo antes da sua morte:

«Quanto a mim não só me não considero um grande escritor, digno de figurar na colecção Patrícia, mas nem sequer me tenho como escritor. Considero-me um homem em luta com um fantasma. [...] A parte que lhe pertence discrimina-se perfeitamente da parte que me pertence, e em que me detenho, com alegria, a fixar a *paisagem e a luz*. Porque eu adoro a luz esplêndida e o outro só gosta de nódoas escuras; onde emprego azul, emprega ele negro, e dá-se muito bem só com uma tinta e dor [...]»².

¹ CASTILHO, Guilherme de – *Vida e Obra de Raul Brandão*, Lisboa, Bertrand, 1979, p. 84.

² In *Memórias*, Obras Completas I, Lisboa, Jornal do Foro, 1969 [*Diário de Notícias*, 6-12-1930]. Itálico nosso.

O impressionismo também fulge em *Corsário das Ilhas*, o livro mais brandoniano de Vitorino Nemésio, publicado trinta anos depois de *As Ilhas Desconhecidas*, em 1956. Numa sucinta «Advertência», o Autor diz-nos que a obra «é fruto de viagens aos Açores (1946 e 1955) e da preocupação do [seu] espírito por essas ilhas, a qual sempre e por vários modos nele tende a resolver-se por escrito»³. As circunstâncias em que a obra foi produzida são também esclarecidas por ele. Trata-se de uma compilação de textos publicados anteriormente na imprensa, ou lidos na rádio. Depois do «Intróito - A Madeira e os Açores», segue-se o conjunto de textos que são uma espécie de «diário de bordo», tendo por título «Primeiro Corso», datado de 1946. As datas dos capítulos são, de um modo geral, as que correspondem à da sua publicação no *Diário Popular* ou à sua leitura na Emissora Nacional. O «Segundo Corso» (1956) congrega um conjunto de textos de carácter diarístico e evocativo, sendo a escrita atravessada pela memória de uma infância distante, mas feliz. Nemésio acrescenta ao conjunto um «corso errático» pelas Ilhas Canárias, com a data de 1954, colocando todos os textos sob a designação comum de «Jornal», que propõe como antetítulo.

Mas, será melhor regressarmos à década de vinte, mais exactamente ao Verão de 1924, quando um acaso feliz junta a bordo do mesmo navio Raul Brandão e Vitorino Nemésio, para uma viagem rumo às Ilhas, de que nascerá uma amizade definitiva. O primeiro vai em busca de matéria para mais um livro de crónicas e memórias; o segundo vai gozar um período de férias na sua longínqua terra natal. Com vinte e três anos de idade, Nemésio é um escritor em princípio de carreira, que sonha dar a conhecer a Raul Brandão os lugares mais belos da sua amada Ilha. O testemunho deste primeiro encontro com o Autor de *Húmus* é percorrido por um entusiasmo que reflecte uma admiração genuína:

«Conheci-o a 8 de Junho de 1924, a bordo do San Miguel, da carreira das ilhas, e posso precisar a data porque é a que ele pôe às primeiras impressões d' *As Ilhas Desconhecidas*, em que fala da «agitação tremenda que não cessa», [da] «água em vagalhões cada vez mais cinzentos e maiores, que as velhas de penante e plumas, sentadas de bombordo a estibordo e que se atrevem com o oceano Atlântico, fazem o possível por amesquinhar». Estou a vê-lo. Esgrouviado e grave, - grave de força interior, - debruçava-se a meu lado na amurada do paquete, que os rebocadores já iam alternadamente desatracando. [...] Creio que Câmara Reis mo apresentou já quando o San Miguel recolhia a ponte de rodas [...] Desembarcámos na Madeira com um professor primário das Flores, [...] e comemos fruta no mercado, que ele fixaria depois com uma frescura colonial. [...] De tarde voltei a terra, mas ele preferiu ficar a bordo, onde assistiu, como de um camarote de frente, àquele espectáculo de águas azuis e montes verdes.

³ A primeira viagem, em navio da Insulana; a segunda, de avião militar, em 1955. Cf. *Corsário das Ilhas*, Lisboa, Liv. Bertrand, p. 35.

Em toda a viagem desenvolvi uma espionagem convicta em torno do seu do seu vulto pernaltá, descoberto à popa para melhor se impregnar da largura salina e do vento, e desci com ele, o comandante Rio e o Mestre Miguel às fornalhas [...].

Mas, depois da chegada à Terceira, não tornei a vê-lo nas ilhas. Conseguira arrancar-lhe a promessa de uma visita demorada ao meu casinhoto de Santo António, sobranceiro ao Porto Martins [...]. Não pôde ir. [...] Apontava as emoções de bordo em carteiras de papel comercial de capa negra, e às vezes bebia café de uma garrafa térmica, – o seu grande regalo. [...]»⁴

Até ao fim da vida, Nemésio não se cansará de aproveitar as oportunidades que lhe permitem evocar um encontro que marcou o início de uma amizade que se foi aprofundando numa convivência mais íntima, em virtude das afinidades espirituais e estéticas que ligam os dois escritores. Na correspondência trocada por ambos fica patente a afeição profundíssima, quase reverencial, de Nemésio por aquele a quem chama Mestre, e cujo talento singular jamais deixará de enaltecer nas suas charlas radiofónicas, ou, mais tarde, nas suas charlas televisivas. Os que foram seus alunos ouviram-no falar de Brandão umas vezes com recolhimento, outra com exaltação. O texto «Raul Brandão, Íntimo» é ampliado e publicado, como capítulo autónomo, na secção «Temas Portugueses» de *Sob os Signos de Agora*, livro editado em 1932⁵.

Na primeira parte, que corresponde ao texto publicado na *Seara Nova*, encontramos três textos datados. Os dois primeiros são uma preciosíssima evocação da visita que Vitorino Nemésio e sua mulher fizeram à Casa do Alto em Outubro de 1927, a convite de Raul Brandão. Aí permaneceram o tempo suficiente para que Nemésio pudesse dar-nos, em meia dúzia de traços impressionistas, o ambiente de trabalho do escritor. O primeiro tem a data de «3 de Outubro»:

«Tomo estes apontamentos sobre o mcio habitual do escritor na sua própria mesa de trabalho, do lado oposto àquele em que ele se senta.

Como não há aqui outros petrechos de escrita, utilizo-me dos seus: uma caneta com anilha de borracha para evitar o calo de escrivão; pena lanceolada – e não de alumínio, como as de que eu gosto, – e um frasco de tinta da China retintamente preta [...]. Os linguados também são os dele, oblongos e iguais [...].

O luxo foi corrido daqui como um lobo a estadulho: só os móvcs e a decoração quase imperceptível do interior lembram um homem de letras. É o buraco e papéis (“dêem-me um buraco e papéis”, escreve ele algures), o cenário d’ *O Silêncio e o Lume* que se trai nas *Memórias*.»⁶

⁴ In *Raul Brandão íntimo*, publicado na *Seara Nova*, n.º 275 (5-12-1931).

⁵ Vd. *Sob os Signos de Agora*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932, pp. 211-235.

⁶ *Id.*, *ibid.*, pp. 213 e 214.

O segundo texto é datado de «4 de Outubro» e dá-nos alguns detalhes sobre a Casa «do senhor Barão ou Barandão do Alto, como a gente do sítio lhe chama» de sólida implantação no ponto mais elevado dos «terrenos fartos da quinta», detendo-se na descrição do alpendre do «andar nobre», «que corre de uma das empenas da casa até dois terços da frente, [...] e tem cinco pilares desembaraçados de granito, este granito que deve ser, se algum dia pensarem num monumento ao escritor, pelo menos o pedestal»⁷.

As páginas seguintes, escritas quatro anos mais tarde em Coimbra («2 de Setembro de 1931»), são aquelas em que Nemésio relata o seu encontro com Brandão a bordo do San Miguel, a que junta alguns dados que são fruto da observação atenta do escritor e das conversas havidas entre ambos:

«Da carreira das armas trouxe o horror à secura e à rispidez [...]. Sem querer, deixou no *El-Rei Junot*, n.º *A Conspiração de Gomes Freire*, no prefácio de *O Cerco do Porto do Coronel Owen* e no II volume das *Memórias* o vinco disfarçado da profissão de empréstimo a que recorreu quando, aluno do Curso Superior de Letras de Lisboa, foi atingido pela lei de recrutamento irremissível»⁸

Ao texto publicado na *Seara Nova* junta Nemésio outros dois: «Na Morte»⁹ e «O Espólio»¹⁰. Se, nesta série de textos, Vitorino Nemésio se abstém de fazer juízos estéticos muito rigorosos acerca do escritor, prometendo «um ensaio global sobre o homem e os livros»¹¹, projecto para sempre adiado, não deixa de concluir, em jeito de balanço, que Raul Brandão «conquistou a notoriedade palmo a palmo, com arrancos próprios e inconfundíveis, e por isso mesmo o seu grito humano coará sempre com um timbre distinto entre nós»¹².

Estas considerações sugerem-nos uma primeira reflexão em torno dos dois escritores que tem a ver, justamente, com uma vocação universalista que só a muito custo lhes tem sido reconhecida. No caso de Vitorino Nemésio, a situação é talvez menos grave e injusta: por um lado, em consequência da fecunda actividade das comunidades açorianas imigradas nos Estados Unidos da América, que mantêm vivas, em vários planos, as suas tradições culturais; e, pelo outro, em resultado do acolhimento extremamente caloroso que Nemésio teve no Brasil, quer como professor universitário, quer como romancista, poeta e cronista, junto de uma

⁷ *Id.*, *ibid.*, pp. 218 e 219.

⁸ *Id.*, *ibid.*, pp. 225-226. Este detalhe é importante e deve ser posto em confronto com as informações fornecidas por Guilherme de Castilho em *Vida e Obra de Raul Brandão* (Cf. «Vida Militar», p. 23 e ss.).

⁹ *Id.*, *ibid.*, pp. 226-230.

¹⁰ *Id.*, *ibid.*, pp. 230-235.

¹¹ *Id.*, *ibid.*, p. 220.

¹² *Id.*, *ibid.*, p. 227.

geração de intelectuais brasileiros, em parte ainda viva, e de um plêiade de professores universitários que continuam a cultivar a memória daquele que mais terá feito para estreitar os elos afectivos e as relações culturais entre os dois países.

Num livro breve, mas precioso, A. M. B. Machado Pires, um dos grandes especialistas açorianos da obra nemesiana (e autor do sugestivo «Prefácio» a uma criteriosa edição de *As Ilhas Desconhecidas*, publicada em 1987¹³) reúne quatro ensaios, o primeiro dos quais - «Raul Brandão e Vitorino Nemésio» – dá o título ao volume. É um estudo que nos interessa particularmente, porque põe em paralelo os dois escritores¹⁴: não só pelas razões anteriormente enunciadas, mas sobretudo por aquilo que podemos considerar como uma espécie de comum insularidade no contexto da literatura portuguesa do século XX, a qual nos surge por vezes perturbada por conceptualizações periodológicas mais ou menos apressadas que o tempo se encarregará de corrigir. Como sublinha o A. na «Nota Introdutória», há nos dois escritores uma funda «consciência da fragilidade do Homem perante a desgraça e o Destino», derivada, em parte, da circunstância biográfica de ambos se terem criado em convivência com o mar e com os que dele retiram o seu sustento quotidiano; e, também, um sentimento afim de insularidade, de que brota uma comum religiosidade cósmica, que, no caso de Brandão, lhe permitiu a apreensão genuína de «um eixo cósmico que passa pelas ilhas e na alma de cada açoriano»¹⁵: o mesmo que essencialmente tematiza a obra de Nemésio. Tirar ilações literariamente pertinentes da afinidade espiritual que os une, no intuito de abrir novos horizontes de leitura às suas obras – apesar dos traços que vincadamente distinguem os dois universos ficcionais – é o objectivo do primeiro e mais extenso destes estudos¹⁶.

A vocação universalista da obra nemesiana enraíza, segundo Cecília Meireles, nessa «concentrada força quase silenciosa que é um dom das Ilhas». À Autora de *Poetas Novos de Portugal* (Rio de Janeiro, 1944) não passa despercebida essa capacidade rara e admirável de o poeta Nemésio captar e expressar o singular àquele nível de profundidade em que este naturalmente comunga no vasto e imemorial fundo humano. Idêntica capacidade, que é a maior virtude dos grandes escritores, se reconhece em Brandão, que demandou as Ilhas em Junho de 1924, para dar notícia do seu *achamento* nesse minucioso relato que é uma obra-prima

¹³ BRANDÃO, Raul – *As Ilhas Desconhecidas – Notas e Paisagens*, Prefácio de António M. B. Machado Pires, Lisboa, Editorial Comunicação, 1987.

¹⁴ *Raul Brandão e Vitorino Nemésio*, Lisboa, INCM, Col. Temas Portugueses, 1989.

¹⁵ *Id.*, *ibid.*, p. 9.

¹⁶ *Cf. id.*, *ibid.*, pp. 11-36.

do nosso impressionismo literário, mas onde encontramos páginas que Lautréamont poderia subscrever («Moi, je fais servir mon génie à peindre les délices de la cruauté»¹⁷).

Ao proceder a um breve enquadramento geracional dos dois escritores, Machado Pires começa por referir as linhas de força que percorrem a literatura finissecular (da *krisis* radical, traduzida na reacção antipositivista, que é expressa pela «correlação decadentismo /anarquismo», à progressiva afirmação, numa diversidade de registos, da consciência patriótica e da vontade de renascimento espiritual e cultural) e que são indissociáveis do aparecimento de sinais de mutação epistemológica e poética, genericamente detectáveis ao longo da produção textual da geração de 90»¹⁸. Ora a obra de Raul Brandão é, sem dúvida, o notável exemplo de uma reorientação individualizada e absolutamente inovadora nos caminhos da ficção portuguesa do primeiro tricénio do século XX. Lembra-nos o A. que disso mesmo teve a exacta percepção Nemésio, ao evocá-lo como «a individualidade mais forte da literatura portuguesa, mau grado um estilo sem plano, um ideário desfeito em nebulosas sentimentais e um instinto que deformava a realidade para tratá-la a seu gosto»¹⁹.

Num texto bem mais recente (uma homenagem à «Geração Centenária» a que «coube a estrela do ano de 1867»), publicado por Vitorino Nemésio em 1967, na *Colóquio*, podemos encontrar uma análoga perplexidade perante Brandão: «a sua obra palpita de um secreto impulso de fuga, despaisamento e ubiquidade. Ser de onde se não é e estar onde não se pode»²⁰. Na verdade, a última frase mais parece um desabafo nostálgico de Nemésio, separado até ao fim da sua *alma mater*, a que pertence um pedaço vital da sua personalidade e do seu coração: «o despaisamento é mais duro e inflexível do que o transplante», confessa ela em *Corsário das Ilhas*²¹.

¹⁷ In BACHELARD, Gaston – *Lautréamont*, Paris, Lib. José Corti, 1974, p. 29.

Vd. «O Atlântico Açoriano», ed. cit., pp. 147-148. Óscar Lopes sublinha, a par de «O pitoresco dos dois principais livros de viagens [que] anuncia a cada passo os hábitos amadores de um pintor de cavalete» e define a sua «estética visual», a ocorrência de «cenas de carnificina piscatória de uma extraordinária violência que lembra episódios dos *Chants de Maldoror* de Lautréamont: tal o da matança selvática e inútil dos botos [...]; e tal o dos marraxos» [cf. ed. cit. p. 145]. Vd. *Entre Fialho e Nemésio*, I, Lisboa, INCM, Col. Temas Portugueses, 1987, pp. 361-362.

¹⁸ Cf. *id.*, *ibid.*, pp. 11-18.

¹⁹ *Apud* ob. cit., pp. 19-20. Vd. *Sob os Signos de Agora*, p. 227.

²⁰ Vd. *Colóquio*, nº 46, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Dez. 1967.

²¹ NEMÉSIO, Vitorino - *Corsário das Ilhas*, pref. de A. M. B. Machado Pires, 2ª ed., Lisboa, Bertrand, 1983, p. 89.

O enternecido apego à terra portuguesa é outro dos traços comuns aos dois escritores destacado por Machado Pires, e, porventura, aquele que funda o paralelismo entre *As Ilhas Desconhecidas* e *Corsário das Ilhas*. Separa estes livros uma distância cronológica de 22 a 30 anos, com o que isso implica de afastamento geracional e de completa mutação do cenário histórico-social e paisagístico: «Mas o pitoresco do antigo Funchal, que Raul Brandão se deliciou a pintar n' *As Ilhas Desconhecidas*, desapareceu ou atenuou-se»²². No entanto, do ponto de vista temático-formal, a semelhança logo se impõe: narrativas de viagem com itinerário idêntico, estrutura fragmentária de diário e inscrição do género na tradição da *viagem literária*. Lá estão as alusões de Nemésio a Chateaubriand e a outras figuras literárias que cultivaram o género: «Já dizia Chateaubriand, que passou por lá em moço: *Inútil farol de noite, sinal sem testemunha de dia*» (Nemésio refere-se à ilha do Pico)²³.

É com extrema subtilidade que Machado Pires demonstra como essas obras correspondem a dois modos paradigmáticos de ler/sentir as Ilhas: para Brandão «desconhecidas» e para Nemésio «revisitadas»²⁴. No livro do primeiro, é a memória da viagem que se textualiza, sobrelevando o propósito, às vezes traído, de uma fidelidade ao real, própria do *inquérito* realista; no segundo, a par dessa mesma preocupação de objectividade, é a memória que ata os fios do discurso, permitindo o redimensionamento dos lugares numa vasta rede de referências culturais e sentimentais. A pretexto deste confronto, o A. faz uma análise da «atitude contemplativa impressionista» que caracteriza a vertente «diurna» e «apolínea» da obra de Raul Brandão, apoiando-se, para isso, em exemplos extraídos de *Os Pescadores* e de *Portugal Pequenino*, um livro tão injustamente esquecido²⁵.

Mas são *As Ilhas Desconhecidas* que lhe permitem contrapor ao «impressionismo atlântico» (assim lhe chamou Aquilino Ribeiro) do visionário lírico que é Brandão, o impressionismo «sentimental» de Nemésio²⁶, mais telúrico e elaborado. Se a fixação do mundo exterior é, no primeiro, sobretudo visual e evanescente (trabalhada, do interior, pela decomposição que abre na escrita uma dimensão espectral, fazendo-a deslizar para um expressionismo dramático), no segundo ela é firme, lapidada, escandida pelo «sentido do uso condensado e certo da língua»²⁷, sem o frémito de inquietação que percorre até uma simples frase do autor de *Húmus*:

²² *Id., ibid.*, p. 50.

²³ *Id., ibid.*, p. 131.

²⁴ Cf. *id., ibid.*, p. 32.

²⁵ Cf. *id., ibid.*, pp. 26-31.

²⁶ Cf. *id., ibid.*, p. 34.

²⁷ Cf. *id., ibid.*, p. 35.

«Há escritores que fazem com os bicos da pena o que os pintores conseguem com pêlo de pincel e espátula. Raul Brandão era desses. Levava uma hora, e mais, diante das paisagens, a notar cores e reflexos, tons e matizes... Assim descansava dos seus solilóquios de poeta e de filósofo do espanto e do sonho»²⁸.

Um outro aspecto realçado por Machado Pires, e que nos parece fundamental neste confronto, é o fascínio de ambos pela língua portuguesa nos seus múltiplos usos e registos, enquanto meio vivo e prodigioso de comunicação humana, o qual é inseparável da intensa solicitação que o real quotidiano, concreto e multifacetado exerce sobre os dois escritores. Daí a comum incidência num subgénero como a crónica (jornalística e radiofónica), a que ambos se consagraram com a devoção e o talento que a convertem em pura literatura. Aí estão, para o confirmar, *As Ilhas Desconhecidas* e *Corsário das Ilhas*, que começam por ser notáveis crónicas de viagem.

Diríamos, para concluir, que um dos escritores que mais contribuiu para o conhecimento dos Açores e da Madeira foi Raul Brandão. Ao chamar «desconhecidas» às Ilhas que de certo modo redescobre, o seu intuito é levar os leitores a verem-nas «com os seus próprios olhos», como sublinha na breve nota introdutória. Aos olhos do poeta-escritor elas serão sempre «o território da lembrança» (para nos apropriarmos de uma belíssima expressão de Nemésio), a qual jamais deixará de partilhar com os seus leitores, através de uma linguagem que, sem deixar de ser uma realização suprema do chamado *realismo documental*, nos chega impregnada de uma força poética que nos proporciona uma vivência directa, total e intensa dos lugares descritos e a fruição desmedida de viajantes imaginários.

Compreende-se, pois, que Vitorino Nemésio, um ilhéu-*peregrino* que sofreu as dores de vários «transplantes», recorde até ao fim da vida a viagem de Julho de 1924 «com Raul Brandão empenhado no seu inquérito às Ilhas Desconhecidas»²⁹, de que foi testemunha e cúmplice. E que tenha pressentido a dor do «transplante», ainda que temporário, que muitas vezes o terá assaltado, como quando escreve: «olho para a ilha descarnada pelo vento, tão forte de inverno que o sino tange sozinho, e sinto-me como nunca me senti, isolado do mundo. Que vim eu aqui fazer?»³⁰. Além do mais, esta viagem foi o esteio marítimo de uma amizade profunda e quase íntima.

²⁸ *Id.*, *ibid.*, p. 89.

²⁹ *Id.*, *ibid.*, p. 92.

³⁰ Vitorino Nemésio in «Raul Brandão, Íntimo», in *ob. cit.*, p. 222.

Na última carta dirigida por Vitorino Nemésio a Raul Brandão, em que lhe anuncia o nascimento de mais um filho pouco tempo antes do falecimento do Autor de *Os Pobres*, podemos ler:

«Desde Julho que não comunicamos, e apesar disso não o esqueci um só momento. A sua influência pessoal na minha vida é uma das maiores; é, em certo sentido, a única: de ninguém recebi como de si tão forte sugestão para viver e viver amando e fazendo passar por mim, como se fossem humanas, todas as coisas do contorno» [Coimbra (Cruz de Celas), 14.XI.1930]³¹.

A resposta de Raul Brandão, numa carta que terá sido uma das últimas por ele escritas, datada de «Lisboa, 28 de N.º 1930», não se faz esperar. Dela retiramos este passo por demais elucidativo:

«O que eu quero dizer-lhe mais uma vez nestas linhas rápidas é quanto o admiro [...]. O meu querido amigo está no princípio da vida e eu no fim, e só mais tarde compreenderá a felicidade de ter uns poucos de filhos, aos quais há-de deixar uma obra e um nome. Eu nem isso: morro com a idia de que a minha farrapada não serve para nada.»³².

A humildade destes dois grandes escritores, que convive por forma muitas vezes dissimulada com a angústia do artista que duvida do valor da sua obra, é o traço mais evidente da sua superioridade espiritual. Cada um se entrega com ardor à contemplação do mundo quotidiano, tentando captar por detrás da incessante variação do homem «ondoyant et divers» a essência da eternidade redentora em que ambos crêem.

Maria João Reynaud

³¹ Vd. «Correspondência entre Vitorino Nemésio e Raul Brandão», por António Mateus Vilhena, in *Arquipélago. Línguas e Literaturas*, «Vitorino Nemésio (1978-1988)», Vol X – 1988, Ponta Delgada, p. 231.

³² *Id.*, *ibid.*, p. 232.